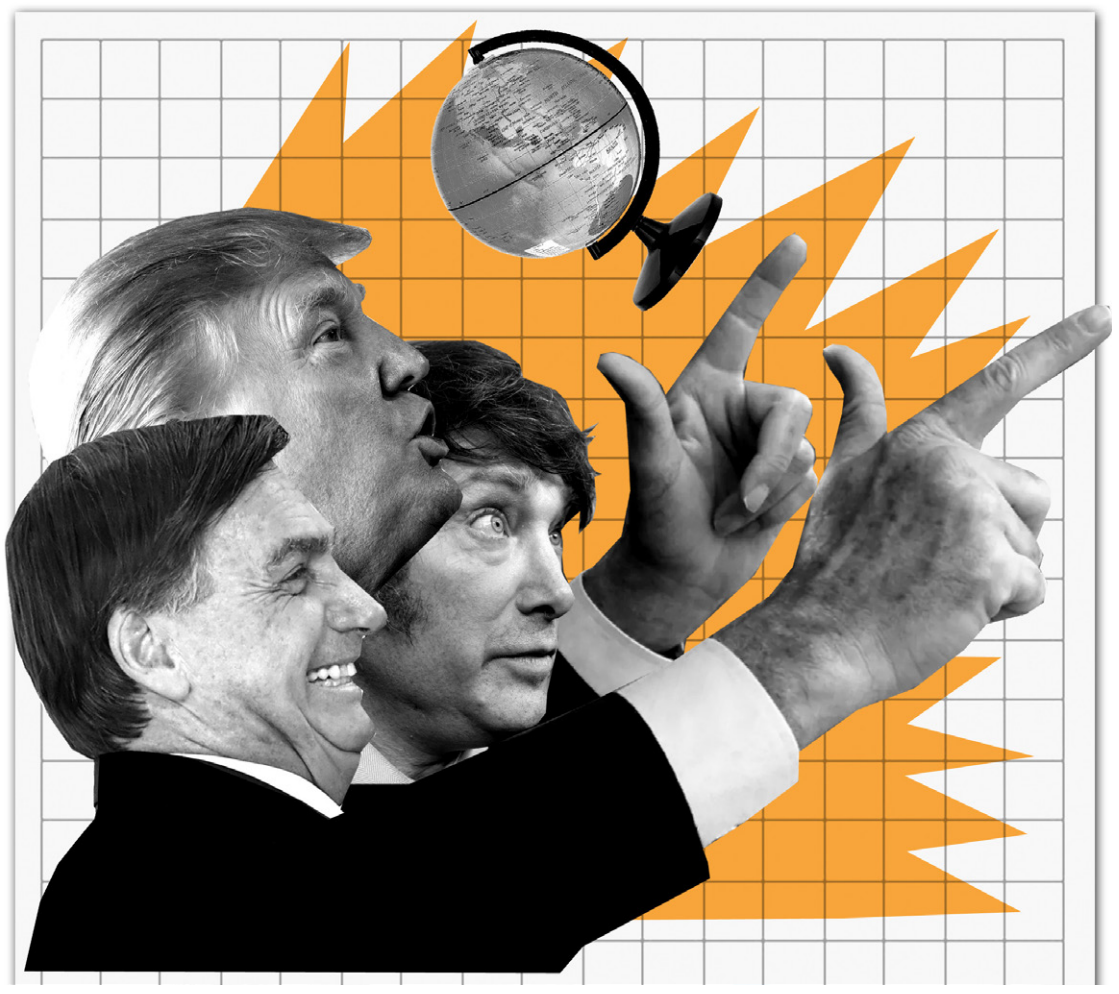
CONJUNTURA

Extrema direita segue forte mundo afora

Mesmo após derrotas de líderes como Trump e Bolsonaro, movimento se mantém

» VICTOR CORREIA



A extrema direita global viveu um pico nas últimas décadas com a chegada de Donald Trump e Jair Bolsonaro ao poder. Apesar da derrota desses líderes, o movimento demonstra ter resiliência e bases sólidas, e já deixou sua marca para radicalizar a arena política. O próprio Trump, mesmo tentando um ataque inédito à democracia estadunidense, tem grandes chances de voltar a ser eleito no ano que vem. No Brasil, o bolsonarismo se reorganiza após a derrota e a inelegibilidade de Bolsonaro, mas ocupa uma fração significativa do Parlamento. Ao lado, na Argentina, Javier Milei lidera as pesquisas de intenção de voto com atitude bem semelhante à do líder brasileiro.

O movimento de extrema direita não é novo, nem unificado. Grupos de cada região do mundo trazem sua particularidade. Na Europa, o ataque aos imigrantes ganha destaque no debate. Na América Latina, chama atenção a defesa de pautas do ultraliberalismo, como a diminuição do Estado e o combate aos direitos trabalhistas — característica representada, no Brasil, pela gestão de Paulo Guedes à frente do Ministério da Economia. Países de renda mais baixa também vem a segurança pública, especialmente o endurecimento das punições e da repressão policial, no debate político.

O que há em comum na extrema direita global é uma crítica a consensos de democracia formados após a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1945. Apesar de disputas sobre, por exemplo, se apenas o voto garante o regime democrático ou se também é fundamental combater as desigualdades, a importância da participação popular e das liberdades não era questionada pelas potências ocidentais — pelo menos, no discurso. Para o professor de ciência política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Jorge Chaloub, a extrema direita se contrapõe mesmo às definições mais minimalistas sobre o que é democracia.

"Os ataques às urnas e às eleições são uma boa demonstração disso. Trump, Bolsonaro, Milei, quando ganham ou quando perdem, sempre retratam que há uma conspiração que muda os votos", disse o pesquisador ao **Correio**. Por outro lado, ele aponta que houve uma normalização do direito ao voto por parte dos eleitores, o que os faz menosprezar as consequências de se votar no candidato que questiona as eleições. O famoso "se der errado, a gente tira" não funciona se o eleito acabar com as eleições e com o mecanismo do impeachment.

"O problema é que a construção das instituições políticas, da lógica da legitimidade, não é tão sólida quanto as pessoas acham. Ela é frágil. Uma vez que você mistura e começa a colocar em questão as instituições de maneira muito profunda, não tem como isso produzir outra coisa. E voltar atrás não é fácil", explicou o professor.

> **A extrema direita mudou um pouco o jogo. Muitas coisas que eram tomadas como inaceitáveis no Congresso dez anos atrás, hoje são rotineiras"**
>
> ***Jorge Chaloub,*** *professor de ciência política da UFRJ*

Em contraponto, de forma geral, a esquerda no ocidente acabou se configurando como defensora do status quo e das instituições políticas, liderando, no Brasil, o movimento de resposta e combate aos ataques perpetrados por Bolsonaro à ordem democrática. O problema é que, ao não dar respostas satisfatórias a problemas estruturais, e defender um desenho político que é fonte de frustração para grande parte do povo, a esquerda acaba tendo dificuldade de atrair a massa de pessoas que não necessariamente defendem ideias extremistas, mas que vem nelas a única saída política.

Reação

A cientista e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) Camila Rocha aponta ainda outros elementos no centro da extrema direita, que reage às conquistas dos movimentos feminista, LGBTQIAPN+ e negro nos últimos anos. Atitudes violentas contra esses grupos estão presentes em todas as expressões dessa força política.

"As pessoas que não se entendem como beneficiárias desses movimentos, dessas lutas, entendem que elas estão sendo passadas para trás. Como se houvesse uma fila que está sendo furada", contou Camila. "No limite, é claro que é uma simplificação da realidade, mas não dá para dizer que é algo completamente fora do que as pessoas vivenciam. De fato, para você ter mais mulheres no poder, alguns homens vão perder o poder. Com mais negros, haverá menos brancos. Então tem uma disputa de poder que é real", acrescentou.

Mesmo com as derrotas de líderes importantes, como Trump e Bolsonaro, o movimento de extrema direita mostra ter bases sólidas, e conseguiu deixar sua marca de radicalização na política. Jorge Chaloub aponta que, para além das eleições, um movimento político "vence" ao normalizar seus argumentos. "A extrema direita mudou um pouco o jogo. Muitas coisas que eram tomadas como inaceitáveis no Congresso dez anos atrás, hoje são rotineiras", destacou. Basta ver: o confronto aberto de parlamentares com o Supremo Tribunal Federal (STF); falas racistas, transfóbicas e machistas sem punições; e projetos que querem retirar direitos adquiridos, como o casamento homoafetivo.

Para a professora da pós-graduação de direitos humanos do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (UnB) Vanessa Maria de Castro, a extrema direita deve continuar forte no debate político mundial pelos próximos anos. Ela cita a guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas, na Palestina, como um exemplo da relevância do extremismo.

"Benjamim Netanyahu (primeiro-ministro israelense) é de extrema direita, e todo o movimento dele é para agradar a extrema direita de Israel. A gente percebe como o cenário internacional ainda está sendo ditado por esse grupo. A gente tem também o Hamas, que é de extrema direita, de um país que ainda não está, digamos assim, territorializado, que é a Palestina", explica.

Ela cita o conflito para exemplificar a presença da questão racial no cerne da extrema direita, com a opressão histórica de Israel sobre o povo palestino. "Não adianta a gente falar da Palestina sem falar de raça", diz Vanessa. Para ela, no Brasil, o movimento se ancora no racismo contra as pessoas negras, visando "a permanência de um processo no qual negros vão ter pouco acesso às riquezas produzidas nesse país".

ELEIÇÕES

Dallagnol na disputa por Curitiba

O ex-deputado federal Deltan Dallagnol, que teve o mandato cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), anunciou ontem que pode concorrer à prefeitura de Curitiba, Paraná, no ano que vem. Ele participou de evento do Novo, partido que o acolheu após a cassação, na capital paranaense.

Dallagnol declarou que a legenda terá candidato próprio à prefeitura em 2024, e disse que tanto ele quanto sua esposa, Fernanda Dallagnol, podem ser o nome escolhido.

"Estamos preocupados com pessoas que se colocam como candidatas para a prefeitura de Curitiba, ou para o governo do Paraná, que estão envolvidas ou têm aliados envolvidos em escândalos de corrupção. O Novo está em primeiro lugar nas pesquisas, e tem excelentes nomes que podem ser lançados para a prefeitura de Curitiba, como Fernanda, Amália (Tortato, vereadora) e Indiara (Barbosa, vereadora). Vamos para a linha de frente dessa batalha junto com a população guerreira da República de Curitiba, que sempre apoiou a Lava Jato", disse Dallagnol.

O ex-procurador da Lava Jato foi cassado pelo TSE por unanimidade em 16 de maio deste ano. Ele respondia a sindicâncias dentro do Ministério Público ao se desligar voluntariamente para concorrer ao cargo, pelo Podemos.

Após deixar o cargo e filiar-se ao Novo, Dallagnol atua para atrair filiados à legenda. De acordo com o partido, sua atuação rendeu um recorde de novas adesões em outubro, de 1.720, o maior em um único mês desde 2019.

O presidente nacional do partido, Eduardo Ribeiro, celebrou o número durante o evento. "O Novo tem muitos desafios pela frente, mas temos o diferencial de sermos reconhecidos pela integridade e por lutarmos contra a corrupção e contra os privilégios. Estamos em um momento de expansão do partido", ponderou.

Outros políticos também já anunciaram a intenção de concorrer ao cargo. Eduardo Pimentel (PSD) deve encabeçar a chapa da situação, apoiado pelo governador Ratinho Júnior e pelo atual prefeito, Rafael Greca, ambos do PSD. O deputado federal e ex-prefeito da cidade, Luciano Ducci, já se coloca como pré-candidato. Jorge Brand (PDT), Paulo Martins (PL), Ney Leprevost (União), Tadeu Veneri (PT) e Carol Dartora (PT) são outros nomes que circulam para a disputa. **(VC)**

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br

Rússia e Israel podem, por que não a China?

A primeira nação a atacar o povo judeu após o Êxodo do Egito foi Amalek, um antigo povo bíblico de Canaã. Há muito essa nação desapareceu, mas continua viva nos corações israelitas, como lembrou o Omer Bartov, professor de estudos sobre o genocídio e o holocausto na Universidade de Brown, em artigo publicado no *The New York Times* e reproduzido no *Estadão*. "Vocês devem se lembrar do que Amalek fez com vocês", disse o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu em 28 de outubro, ao anunciar que a retaliação de Israel ao ataque terrorista do Hamas de 7 de outubro seria arrasadora. Mas está sendo muito mais violenta do que se imaginava, inclusive para os Estados Unidos, que apoiam Israel incondicionalmente.

Antes, o ministro da Defesa israelense, Yoav Gallant, dissera: "Nós estamos combatendo animais e estamos agindo como corresponde". O major-general Ghassan Alian, comandante israelense de atividades governamentais nos territórios, endossou: "Animais têm de ser tratados como tal"; "não haverá eletricidade nem água, haverá apenas destruição. Vocês desejaram o inferno e terão o inferno". Diante dos assassinatos de crianças, mulheres e idosos pelos terroristas do Hamas em território Israelense, era uma reação previsível.

As comparações bíblicas são claríssimas. Amalek cresceu na família de Esaú e adquiriu o ódio patológico aos judeus. Seus descendentes se tornaram a nação de Amalek, ao sul da Terra de Israel, no Deserto de Negev. Depois da travessia do Mar Vermelho, quando os judeus se recuperavam em Refidim, Amalek lançou um covarde ataque surpresa sobre eles. Moisés, líder dos judeus, ordenou que seu discípulo Yehoshua, à frente de uma tropa de elite, contra-atacasse e matasse os guerreiros de Amalek, o que foi feito. Moisés prometeu varrer totalmente a lembrança de Amalek da face da terra, numa guerra eterna. Seu nome e trono não estariam completos até que Amalek fosse destruído.

Quarenta anos depois, quando o rei canaanita de Arad lançou um ataque selvagem contra os judeus, os sábios concluíram que Arad e seus soldados eram amalequitas disfarçados. O plano fracassou, os judeus foram vitoriosos e continuaram a entrar na Terra de Israel. Por essa razão, no Shabat anterior à festa de Purim, a ação de Amalek é lembrada na leitura da Torá. Em Purim, os judeus foram salvos do perverso Haman, um descendente do rei amalequita. Comemora-se a destruição de Amalek até hoje nos lares israelitas.

O rabino da Brigada Nahal, capitão Amichai Friedman, antes da entrada em Gaza, exortou seus soldados: "A terra é nossa, toda a terra, incluindo Gaza, incluindo o Líbano". Na *Torá*, o livro de Deuteronômio (11:24), citado por Netanyahu, diz: "Todo lugar onde vocês puserem os pés será de vocês. O seu território se estenderá do deserto do Líbano ao do rio Eufrates ao Ocidental". O ataque terrorista do Hamas legitimou internamente a política de Benjamin Netanyahu para a Cisjordânia, que é ocupada por Israel e está sendo gradativamente colonizada, e o projeto de limpeza étnica da Faixa de Gaza, cujo Norte já se tornou inabitável. O plano de estado-maior do Ministério de Inteligência de Israel já era mover toda a população palestina da Faixa de Gaza para a Península do Sinai, o que só não acontece agora porque o Egito fechou a fronteira e impediu o êxodo dos refugiados.

Donbass, Gaza e Taiwan

Entretanto, a guerra de Gaza tornou-se o epicentro de uma disputa muito maior. Ao contrário do Brasil, na Presidência do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), a China ainda não convocou nenhuma reunião do órgão. Quem tem pressa agora são os Estados Unidos, para recuperar o controle sobre a crise em Israel.

A Rússia não faz nenhuma questão de aprovar uma resolução, depois do veto americano à proposta de cessar-fogo humanitária brasileira, que foi aprovada por 12 votos a um e duas abstenções. O massacre de civis palestinos em seu território legitima a ocupação da região de Donbass, na Ucrânia, e um novo ataque à Odessa, cujo controle é uma das ambições do presidente russo Vladimir Putin, pode ocorrer a qualquer momento. O Exército russo tem 350 mil homens posicionados na fronteira para uma nova ofensiva.

No próximo dia 15, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e o presidente chinês, Xi Jinping, deverão se encontrar na Califórnia, durante a 30ª reunião dos líderes do Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC, na sigla em inglês), que ocorrerá de 11 a 17 de novembro, com a participação de 21 países, que representam metade do comércio mundial e 40% dos habitantes da Terra. Os dois países protagonizam uma guerra comercial que está se transformando em nova guerra fria. A China nunca reconheceu a independência de Taiwan, que está para os Estados Unidos no Mar das China como Israel no Oriente Médio. O apoio incondicional dos Estados Unidos à ocupação da Palestina permitiria à China, moralmente, invadir e exigir a reintegração de Taiwan ao seu território, como aconteceu com as ilhas de Hong Kong (Reino Unido) e Macau (Portugal). Entretanto, o mundo estaria à beira da Terceira Guerra Mundial. Biden e Jinping, porém, juntos, têm condições de promover o cessar-fogo na Ucrânia e/ou em Gaza, se resolverem dar um basta à instabilidade mundial.